



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
CAMPUS PROF. ALBERTO CARVALHO  
DEPARTAMENTO DE LETRAS

WELBSTER DAVI SANTOS MOTA

**UMA RELEITURA DE *OS SERTÕES* NA OBRA *O SERTÃO VAI VIRAR MAR* DE  
MOACYR SCLiar**

ITABAIANA/SE  
2024

**WELBSTER DAVI SANTOS MOTA**

**UMA RELEITURA DE *OS SERTÕES* NA OBRA *O SERTÃO VAI VIRAR MAR* DE  
MOACYR SCLiar**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras de Itabaiana (DLI), da Universidade Federal de Sergipe (UFS), como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciado(a) em Letras – Português.

Orientador: Prof. Dr. Fábio José Santos de Oliveira.

ITABAIANA/SE  
2024

**WELBSTER DAVI SANTOS MOTA**

**UMA RELEITURA DE *OS SERTÕES* NA OBRA *O SERTÃO VAI VIRAR MAR* DE  
MOACYR SCLiar**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras de Itabaiana (DLI), da Universidade Federal de Sergipe (UFS), como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciado(a) em Letras – Português.

Orientador: Prof. Dr. Fábio José Santos de Oliveira.

Aprovado em 22 de março de 2024.

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Fábio José Santos de Oliveira (UFS)

ORIENTADOR

---

Prof. Ma. Catiana Santos Correia Santana (C. E. Abelardo Romero Dantas – Lagarto/SE)

Dedico este trabalho a Deus e a todos os meus familiares, especialmente aos meus pais por proporcionar o melhor dos estudos e à minha esposa, Karollaine.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus, pela oportunidade de concluir este trabalho.

Agradeço aos meus familiares, aos meus pais e à minha esposa por todo incentivo nos estudos, por sempre acreditarem em mim, em especial à minha mãe que nunca deixou que eu parasse e sempre se sacrificou para que obtivesse o resultado desejado.

Agradeço a meu estimado orientador, Prof. Dr. Fábio José Santos de Oliveira, pela ajuda incondicional, pelo apoio, pelas ideias brilhantes e pelas palavras de motivação e encorajamento.

Agradeço aos meus queridos amigos, Joelmo e Adriele, pela amizade verdadeira na Universidade Federal de Sergipe, pelas vivências, conselhos e ajuda mútua em cada trabalho da nossa trajetória, tenho certeza de que essa amizade será por toda a vida.

Agradeço a todos os professores da Graduação em Letras na Universidade Federal de Sergipe, pelo conhecimento a mim proporcionado, e, conseqüentemente, o meu crescimento pessoal.

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar a releitura da obra *Os Sertões* (1902), de Euclides da Cunha (1866-1909), feita pela obra *O Sertão Vai Virar Mar* (2002), de Moacyr Scliar (1937-2011). Para alcançar esse objetivo, foi necessário o uso de noções da Literatura Comparada, a exemplo da originalidade e da intertextualidade, que foram introduzidas por Barthes e Julia Kristeva, respectivamente. Nesse sentido, esse trabalho reafirma a proximidade entre o clássico da Literatura de Euclides e a obra de Scliar. Com base nos teóricos Sandra Nitrini (2010), Leopoldo Bernucci (1995) e (2002), José Carlos Barreto de Santana (2002) e (2004), Flanklin de Oliveira (1983), Roberto Ventura (1991), (1996) e (2000), e Walnice Galvão (1981) e (1993), propõe-se a analisar os significados depreendidos a partir da comparação entre as obras.

**Palavras-chave:** Literatura Comparada; Euclides da Cunha; *Os sertões*; Moacyr Scliar; *O sertão vai virar mar*.

## ABSTRACT

The present work aims to analyze the reinterpretation of the work *Os Sertões* (1902), by Euclides da Cunha (1866-1909), made by the work *O Sertão Vai Virar Mar* (2002), by Moacyr Scliar (1937-2011). To achieve this objective, it was necessary to use notions from Comparative Literature, such as originality and intertextuality, that were introduced by Barthes and Julia Kristeva, respectively. In this sense, this work reaffirms the proximity between Euclides classic Literature and Scliar work. Based on theorists Sandra Nitrini (2010), Leopoldo Bernucci (1995) and (2002), José Carlos Barreto de Santana (2002) and (2004), Flanklin de Oliveira (1983), Roberto Ventura (1991), (1996) and (2000), and Walnice Galvão (1981) and (1993), proposes to analyze the meanings inferred from the comparison between the works.

**Keywords:** Comparative literature; Euclides da Cunha; *Os sertões*; Moacyr Scliar; *O sertão vai virar mar*.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>1 COMPREENDENDO A LITERATURA COMPARADA .....</b>	<b>9</b>
1.1 ORIGINALIDADE PARCIAL COMO REQUISITO NECESSÁRIO .....	10
1.2 UMA INTERTEXTUALIDADE BASEADA NO DIALOGISMO .....	11
<b>2 CONHECENDO OS PRINCIPAIS PONTOS DE OS SERTÕES.....</b>	<b>14</b>
2.1 INTRODUÇÕES GERAIS SOBRE OS SERTÕES .....	14
2.2 CRÍTICA EXISTENTE EM OS SERTÕES .....	15
2.3 SOBRE A TERRA IMAGINÁRIA DE EUCLIDES.....	17
2.4 UM HOMEM FORJADO EM SEU MEIO.....	19
2.5 AS DIVERSAS "LUTAS" DE EUCLIDES.....	21
<b>3 O SERTÃO VAI VIRAR MAR.....</b>	<b>24</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>34</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>36</b>

## INTRODUÇÃO

Antes de iniciarmos nossa análise, alguns pontos sobre as obras que serão abordadas neste trabalho merecem destaque. A obra *Os Sertões* é dividida em três partes, a primeira aborda a terra, aspectos geográfico. A segunda é sobre o homem, o foco é centrado no sertanejo, mais precisamente em Antônio Conselheiro. A terceira parte resulta da Guerra de Canudos (1893-1897) que depois das quatro expedições militares, resultou na destruição do Arraial de Canudos e na morte de seu líder religioso.

A obra *O Sertão Vai Virar Mar* apresenta uma ficção baseada no clássico que comentamos no parágrafo anterior. A narrativa começa com uma cidade fictícia chamada “Sertãozinho de Baixo”, que estaria próxima ao Arraial de Canudos. Nela existe a presença de alguns personagens que sugerem um debate em torno de *Os Sertões*. Surge a presença de Jesuíno Pregador que levava multidões consigo por causa da sua pregação. Esperava-se uma nova revolta naquela cidade, porém tudo foi resolvido no diálogo.

De início, abordaremos as noções da Literatura Comparada, veremos quais elementos essa Literatura fornece para a construção dos sentidos nas comparações e de que forma o conceito de intertextualidade de Julia Kristeva contribui para a crítica literária. Após isso, já no segundo capítulo, analisaremos como surgiu a ideia de *Os Sertões* e as implicações para que se tornasse um clássico em nossos dias atuais. Pontuaremos a maneira como a história de Euclides da Cunha e sua ligação política com a República estão diretamente ligados aos fatos narrados.

A partir dessas observações, entraremos no terceiro capítulo para a leitura de *Os Sertões*. Explicaremos o porquê de Scliar escolher o nome da obra *O Sertão Vai Virar Mar* e qual sua ligação com os fatos narrados em Euclides. Além disso, serão destacados pontos principais, tanto em comum, quanto diferentes entre essas duas obras. No decorrer da nossa análise, mostraremos como Scliar fez uma releitura dos fatos ocorridos na Guerra de Canudos, apontando seus argumentos e discordância com Euclides.

## 1. COMPREENDENDO A LITERATURA COMPARADA

A “literatura comparada” é uma expressão que propicia o confronto de duas ou mais literaturas. Além disso, à medida que crescem os estudos sobre essa expressão, encontram-se muitas divergências. Alguns comparativistas criam diversas tendências, formando uma dificuldade em saber qual é o verdadeiro conceito dessa exploração do campo literário. Devido à multiplicidade de conceitos ou formas metodológicas, a dificuldade aumenta no campo da compreensão da “literatura comparada”. Apesar disso, a comparação é fundamental para que o autor possa alcançar os seus objetivos. Esses objetivos versam sobre a natureza dos elementos confrontados, a fim de saber se são iguais ou diferentes.

A busca de analogias feita pelos comparativistas literários foi de suma importância para ampliar o escopo da literatura comparada. Sendo assim, dentro da ideia desses estudiosos em identificar semelhanças e proximidades com outras obras, existia um outro objetivo: fazer a analogia. Dessa forma, à medida que usavam esse método, surgia um fator oculto: a dependência cultural, isto é, a dominação cultural de um país sobre outro. A intensificação dessas analogias deixava transparecer uma ideologia colonizadora, que fortalecia os ensejos nacionais. Quando o autor de alguma obra fazia uso de elementos nacionais na sua criação, somente isso já configurava essa noção de ideologia, ao passo que, com o uso da analogia, descobria essas “brechas” que remetiam a um ideal nacionalista e fazia o nome do autor crescer profissionalmente.

É sabido que Oswald de Andrade (1890-1954) no *Manifesto Antropofágico* (1928), tenta mudar o fator de dependência cultural, ou seja, o dominador passa a ser dominado. Falando em linhas gerais, ele defendia que a “devoração” do estrangeiro seria importante para a formulação de uma síntese nacional. A interferência de outra cultura na nossa era vista como prejudicial, modificaria os valores e elementos existentes, por vezes até a perda deles.

A construção do sentido na literatura comparada está centrada na originalidade parcial e no nível de intertextualidade utilizado pelo autor em sua obra. Num primeiro momento, cabe frisar a questão da originalidade nos textos, isto é, ela é definida como uma escrita sem plágios e livre de possíveis interferências de outros escritores. O autor trabalha livremente com seu poder de criação, mas não podemos afirmar que será um trabalho totalmente “original”, pois, no processo dessa criação, o autor acaba usando a intertextualidade e, assim, estabelecendo relação com outros textos. Desse modo, observamos uma dependência de dois elementos, a saber: criatividade e inspiração, já que estabelecem uma relação de causa e consequência na

construção do sentido. A seguir, abordaremos essas duas vertentes que contribuem para a construção desse sentido.

### 1.1 ORIGINALIDADE PARCIAL COMO REQUISITO NECESSÁRIO

Em primeiro lugar, o elemento da originalidade se aplica para leitores e para criação de obras. No âmbito da leitura, quando forem usar a interpretação, esses leitores estarão livres da interferência do autor ou autora, poderão percorrer livremente seu caminho no texto, permitindo os seus diversos sentidos. É correto afirmar que, para que esses sentidos sejam descobertos durante a leitura, “o nascimento do leitor deve ser compensado pela morte do autor” (BARTHES, 1988<sup>1</sup> *apud* NITRINI, 2013). Com isso, as visões de mundo do leitor substituirão o conteúdo da criação do autor. Será construída uma nova visão da obra por parte do leitor. Isso ocorre da mesma forma na literatura comparada quando se comparam duas obras.

Nenhum texto se produz no vazio; ao contrário, alimenta-se de outras produções de forma subtendida, a fim de que possa fazer sentido. A referência usada por autores nos textos cria conexão com outras obras e pode conceber novas inspirações. O que existe realmente dentro da literatura comparada são doses de originalidade, que podem expressar uma maneira particular de se dizer algo ou situar o leitor no cenário atual. Como diria Voltaire (1694-1778): “A originalidade nada é senão sensata imitação. Os escritores mais originais tomam emprestado uns dos outros.” (SÉRGIO, 2006). Essa afirmação reforça o processo repetitivo dos autores quando buscam criar uma obra literária.

Para Nitrini (2013), a originalidade parcial está presente também na poesia, dado que, mesmo não a possuindo integralmente, não quer dizer que a figura do autor enquanto gênio seja inexistente. Existe uma parcela de contribuição autoral. A invenção da noção de um indivíduo ser considerado um gênio é antiga e já atuava como parte integrante das criações literárias. Por vezes, o uso do gênio é considerado um jogo de contradições, em razão de não se saber diferenciar aquilo que é inspiração ou criação própria do autor. Contudo, quando acontece a “morte do autor”, acontece também a morte do gênio, tudo aquilo que for explorado pelo criador de determinada obra será apenas imitação de outros autores, posto que a contribuição autoral fora retirada com esse “falecimento”.

No mundo da poesia, a busca pela expressão original ainda persiste. Espera-se dos poetas que produzam seus feitos com palavras, sentidos e expressões que nunca conhecemos.

---

<sup>1</sup> BARTHES, Roland. A morte do autor. Tradução de Mário Laranjeira. São Paulo: Brasiliense, 1988.

Apesar de não ser inteiramente original, ao menos, pode trazer novidades no seu conteúdo, tentar desprender-se do ciclo repetitivo. Nesse sentido, o gênio não é original. Observamos uma dependência mental dos outros escritores, sendo exteriorizada através das criações.

Desse modo, quando a originalidade está ligada à origem, produções de outros autores, a inspiração encontra-se abafada na fonte que originou a criação. Não obstante, a originalidade que gera novidade consegue quebrar com o rito repetitivo e torna-se um processo complexo e sutil. O autor demandará uma independência mental que consiga estabelecer diferenças visíveis entre aquele emanado da fonte. Desse modo, essa novidade vem dotada de espírito crítico, além de o autor saber decifrar o conteúdo ligado à origem, vai saber aperfeiçoar o sentido de textos vistos e motivar-se em construir um novo.

Em suma, afirmar a originalidade parcial enquanto elemento necessário da literatura comparada, vai depender da forma de atuação do autor na edificação de suas ideias. Dois requisitos são fundamentais para determinar o empenho dele na originalidade, a saber: o esforço criador e o condicionamento da época. O primeiro é ligado diretamente ao que foi abordado no parágrafo anterior, que versa sobre a busca de um texto original que é baseado na origem de outros trabalhos literários. O segundo diz respeito ao contexto social. O autor vai poder usar esse requisito para expressar uma crítica sobre algo recorrente no seu âmbito de vivência. Ainda assim, podem existir fatores do seu meio que impeçam a ressignificação de assuntos e técnicas autorais.

## 1.2 UMA INTERTEXTUALIDADE BASEADA NO DIALOGISMO

Em segundo momento, falar de intertextualidade é saber a forma como os textos comunicam-se. Esse requisito da construção do sentido foi inicialmente concebido por Julia Kristeva, que, para muitos comparatistas, foi uma inovação, pelo de fato de conseguir trazer novos sentidos nos textos. O uso da intertextualidade permitiu uma melhor articulação das ideias e identificação do sujeito.

Assim, apesar de Kristeva apresentar inicialmente essa concepção e funcionalidade da intertextualidade, as mesmas baseavam-se nas reflexões e proposições de Bakhtin (1995), principalmente sobre as possíveis manifestações do dialogismo no texto. Dando prosseguimento, observamos as palavras de Kristeva:

[...] uma descoberta que Bakhtin foi o primeiro a introduzir na teoria literária: todo o texto se constrói com mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de

um outro texto. Em lugar da noção de intersubjetividade, instala-se a noção de intertextualidade, e a linguagem poética lê-se pelo menos como dupla (2012, p. 142).

Observamos que ela entende as relações do dialogismo, as quais são baseadas na ligação de um texto com outro texto, ao passo que substitui o elemento da intersubjetividade que é proposto por Bakhtin pela intertextualidade. Mas também revela que essa intertextualidade seria algo exterior, ou seja, algo facilmente percebido pelo leitor, enquanto que o dialogismo representado na intersubjetividade, maneira implícita, seria entendido pelo conjunto de vozes.

A concepção de “palavra literária” proposta por Bakhtin tornou possível a estrutura literária que se constitui a partir de uma relação com a outra. Essa estrutura não se solidifica num ponto, não se fixa; ao contrário, forma um cruzamento de superfícies textuais, uma conversa com outras estruturas, podendo ser o autor, destinatário, ou contexto em que o texto está inserido.

Neste contexto, podemos observar a inserção de dois eixos fundamentais desse formalista russo na compreensão do dialogismo, a saber: diálogo e ambivalência. O diálogo vai se caracterizar como a linguagem que o indivíduo assume para exercício. Para que as relações da significação e lógica sejam dialógicas, devem tornar-se um discurso e adquirir um autor do enunciado. Bakhtin (1995) visualiza a escritura como subjetividade, ao passo que Kristeva (2012) a nomeia de intertextualidade.

Um outro eixo que é muito importante diz sobre a ambivalência, sendo ela a inserção da história e da sociedade no texto e do texto na história, isto é, o texto é considerado uma réplica e um absorvedor de outro texto. Sobre esses eixos, Kristeva defende que eles não são bem diferenciados, porém não exclui a importância da sua descoberta para a teoria literária. A partir desses eixos, a linguagem poética no interior dos textos implicaria uma noção de duplo, o sentido de uma linguagem poética com outra funciona simultaneamente para a formação da linguagem poética.

Kristeva (2012) defende que o funcionamento dessa linguagem é comparado a um modelo tabular, em que cada unidade dupla atua como uma espécie de vértice multideterminado. Dessa forma, cada unidade atuando como esse modelo na sua forma não linear irá determinar a construção de sentidos na linguagem poética, porque o texto literário versa com conexões múltiplas.

Cabe frisar que as ponderações de Kristeva sobre o dialogismo recebiam influências estéticas (pré) futuristas. O futurismo<sup>2</sup> se destaca como movimento literário que dará motivos para a criação do formalismo russo<sup>3</sup>. É relevante observar que Kristeva (2012) dialoga com outros escritores do final da década de 1960, em especial Barthes, que decreta a “morte do autor”. Apesar disso, tanto as concepções do formalismo russo e de Kristeva estavam maravilhadas pelas “novidades” do futurismo, pois essas contestavam o estilo literário e o fazer poético. Mas, é no espaço de testes desse futurismo que seria possível desvincular a obra de arte ou literária do seu autor.

A inovação futurista, com sua estética singular no concebimento da escrita, pode ter cegado os formalistas, que falavam que a linguagem poética tentava subverter modelos de autoria e autor. Contudo, o que na verdade ocorreu foi esse distanciamento entre obra e autor, ocasionando a “morte do autor”. O Círculo de Bakhtin<sup>4</sup> se opunha à análise literária liderada pelos formalistas russos. Para o Círculo, não poderia existir relação entre os textos sem que antes a consideração dos sujeitos estivesse presente. Como bem observa Medviédev (2012, p. 219): “Não são as obras que interagem, e sim as pessoas, porém elas interagem por meio das obras e, com isso, colocam as obras em inter-relações refletidas”.

Por conseguinte, mesmo diante da popularização dessa estética futurista, coube à Kristeva (2012) analisar e assimilar no Círculo essa relação de intertextualidade, a qual manteve-se pautada nos ideais de Bakhtin (1995). Uma interação de um texto com outros para que as vozes sejam conhecidas e para que o autor permaneça íntegro no seu fazer poético.

---

<sup>2</sup> Movimento iniciado em 1909, fez parte das vanguardas europeias, que lutavam pela reforma da arte e liberdade na criação.

<sup>3</sup> Conhecido por sua crítica formalista, foi uma influente escola de crítica literária que existiu na Rússia de 1910 até 1930. Teve como objetivo o estudo da linguagem poética enquanto tal.

<sup>4</sup> Pode ser compreendido como um grupo multidisciplinar, mesmo que informalmente, voltado aos problemas da constituição da linguagem.

## 2. CONHECENDO OS PRINCIPAIS PONTOS DE *OS SERTÕES*

Este capítulo tem o principal objetivo de analisar as principais críticas encontradas na obra *Os Sertões*. Iremos analisar os elementos explorados na obra e a visão do autor. Abordaremos sua ligação com o contexto social-político do tempo.

### 2.1 INTRODUÇÕES GERAIS SOBRE *OS SERTÕES*

A obra *Os Sertões* foi originada de uma reportagem encomendada pelo jornal *O Estado de São Paulo*, a fim que fizesse a cobertura da Guerra de Canudos (1896-1897). Euclides observou o confronto do exército com os aliados religiosos de Antônio Conselheiro, os quais eram contrários à República, para descrever aspectos ambientais do entorno do confronto, como também os indivíduos que habitavam no sertão baiano, região extremamente árida e onde prevalecia a miséria.

Muitos habitantes do Arraial de Canudos consideravam essa República uma espécie de Anticristo, devido estarem apegados às ideologias de Antônio Conselheiro. Porém, na verdade, repudiavam o aumento de impostos que eram colocados pelo governo da época; conseqüentemente, os mais pobres eram os mais afetados e não tinham outra opção do que causar revoltas populares naquele povoado. Ao entrar no sertão da Bahia, Euclides tinha como preocupação inicial descrever aos leitores do jornal *O Estado de São Paulo* o desenrolar da Guerra de Canudos e as implicações que levaram milhares de sertanejos a seguir Conselheiro numa suposta “cruzada” contra a República. Entretanto, o que mais chamou a sua curiosidade foi a “extrema aridez e a exuberância extrema” do meio natural onde vivia “rudimentarmente” uma “sub-raça sertaneja”. Observa-se, na nota preliminar que abre as páginas de *Os Sertões*, que Euclides desejava esboçar, “ante o olhar de futuros historiadores, os traços atuais mais expressivos das sub-raças sertanejas do Brasil” (CUNHA, 2002, p. 17), uma vez que devido à instabilidade e às vicissitudes de sua formação, concomitantemente à “deplorável situação mental em que jazem”, estavam destinadas ao desaparecimento próximo.

Com sua característica marcante de busca da nacionalidade, a publicação ocorreu em 1902 e já encontrou um grande sucesso editorial. Além disso, Euclides, sendo adepto do determinismo, acreditava que o homem era influenciado pelo meio, raça e fatores históricos. O debate sobre a relação do homem com a natureza e a luta pela sobrevivência, temas que atravessam a narrativa de Euclides de início ao fim, é marcado por uma série de concepções que alimentaram o evolucionismo e o darwinismo social dos séculos XIX para o XX. Da mesma

maneira que Hippolyte Taine<sup>5</sup> (1828-1896), Euclides acreditava que a “raça”, o “meio” e o “momento” seriam primordiais na identificação das qualidades definidoras de identidade dos grupos raciais. Euclides da Cunha procurava compreender o estado evolutivo e a influência do meio físico no processo de adaptação do homem sertanejo ao ambiente.

A forma como a narrativa é apresentada aponta para uma intertextualidade que aproxima literatura e pressupostos científicos. Nota-se, ainda, em *Os Sertões*, a crença no progresso, fato que se registra repetidas vezes, reforçando a sua herança da visão de mundo típica da civilização afeita à ciência desses séculos. A narrativa assim se encadeia: as construções imaginárias, inicialmente de um viés nacional, em seguida o advento de um tipo étnico que encarna a nação – o sertanejo – para, finalmente, a luta. Esse conflito que é originado da República, elemento que até então simbolizava, de algum modo, a ideia de nacionalidade para o jornalista Euclides da Cunha, se converte em algoz daqueles que cada vez mais se firmam como brasileiros na essência. Desse modo, essa linha de pensamento facilitou a divisão de análise social de Canudos em três partes principais.

## 2.2 CRÍTICA EXISTENTE EM *OS SERTÕES*

Podemos afirmar que a obra *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, ganhou grande destaque no meio literário, pelo fato de, “sendo impróprio, a meu ver, considerar esta obra como livro ficcional, não seria incorreto, entretanto, buscar nela um dos seus discursos mais tonificantes, aquele que imita o da ficção”, afirma Leopoldo Bernucci (2002, p. 42). Apesar de não ser propriamente uma obra ficcional, alguns trechos possuem um tom ficcional.

Cabe pontuar que, quando o narrador está tentando descrever a nacionalidade brasileira, o realiza através de várias correntes de pensamento que “integram o cientificismo que se instalou na produção cultural brasileira da segunda metade do século” (SANTANA, 2001, p. 32). Concepções como o positivismo, o spencerismo e o darwinismo contribuíram muito para essa descrição, mesmo sendo introduzida uma visão pessimista do povo brasileiro em alguns momentos. Ainda que se utilize dessas correntes teóricas para explicar essa nacionalidade, o autor não consegue alinhar esses entendimentos intelectuais com a formação da identidade brasileira. Deste modo, ao decorrer da obra, o conceito de nacionalidade possui um tom ficcional, baseado em opiniões de historiadores, ao mesmo tempo que a formação dessa identidade é acompanhada na cobertura da Guerra de Canudos.

---

<sup>5</sup> Taine acreditava que, assim como no estudo da natureza do reino animal e vegetal, seria possível identificar as qualidades definidoras da identidade dos grupos humanos.

É possível analisar o texto euclidiano como uma obra híbrida que transita entre a literatura, a história e a ciência, ao unir a perspectiva científica, de base naturalista e evolucionista, à construção literária, marcada pelo forte clima de Guerra e por uma visão imaginária da natureza. Observamos que o autor cria uma conceituação do que seria um sertão e, principalmente, o cenário que poderia ser vislumbrado diante de uma guerra. O desejo iminente de não somente falar sobre esse sertão, mas também escrever sobre a Guerra de Canudos facilitou a coleta de informações durante o conflito. As informações encontradas nessa obra euclidiana revelam uma grande inovação geográfica e histórica em face do seu tempo.

Euclides da Cunha não se acomodava muito à profissão de engenheiro (RABELLO, 1983). Sentia uma forte atração em exercer o jornalismo. Alguns autores, como Franklin de Oliveira (1983), mencionam que ele enfrentou um breve exílio no sul de Minas Gerais, e isso perdura até 1895. Em seguida, volta a trabalhar como engenheiro em São Paulo e inicia suas atividades no jornal *O Estado de São Paulo* (OLIVEIRA, 1983). Devido a seu breve afastamento da sociedade no exílio, quando Euclides é enviado para a Bahia, “Euclides não tinha senão uma intuição muito rarefeita da realidade brasileira” (OLIVEIRA, 1983, p. 47). Os correspondentes jornalísticos que adentravam no conflito para adquirir informações, estavam disfarçados de militares e por isso corriam grande risco de morte. O próprio Euclides, nessa Guerra de Canudos, oferece observações limitadas, visto que o seu disfarce militar garantiu pouca permanência do autor no campo de batalha, apenas três semanas.

Além disso, as constantes disputas sobre o regime governamental vigente no país, entre aqueles que defendiam a Monarquia ou República, colaboraram para os antecedentes dessa Guerra que não são de décadas, mas de séculos, ou seja, o autor faz um recorte superficial daquilo que ele entendia por um campo de batalha ou até mesmo, da causa geradora do conflito. Porém, para compreendermos melhor sua obra e suas contribuições, é necessário “liberá-lo de uma visão unívoca, e muitas vezes equívoca”, como sugere Bernucci (1995, p. 18). Aliás, não se pode prender-se apenas em sua visão, como muitos críticos têm feito, deve-se analisar a construção do sentido que leva a possíveis debates em torno da obra.

Nesse sentido, mesmo diante de uma linguagem rebuscada, quando o autor se posicionava a respeito de algum assunto envolvendo essa visão do sertão e o conflito da Guerra, é importante salientar “a dificuldade de tratar o objeto que se quer descrever” (BERNUCCI, 1995, p.87). Desse modo, Euclides poderia levar em conta a dificuldade de registrar acontecimentos da guerra. Não seria uma missão fácil, especialmente no local da batalha. A qualidade da informação seria modificada por causa da extrema periculosidade do ambiente em que se encontrava.

Euclides não desprezou o efeito organizacional de sua obra. Contudo, segundo Walnice Galvão (1993), existia um grave erro em suas análises e informações sobre alguns estudiosos das ciências, principalmente quando ele tentava aplicar o conhecimento obtido desses estudiosos em suas descrições. Nota-se uma dificuldade em aliar esse conhecimento à obra, que “desaparecem quando o estudo é de natureza literária. Porque o dever número um do artista que escreve literatura é com sua própria imaginação, é com estética, não com fatos”. Ou seja, ele tenta adaptar os fatos à estética da obra.

Observamos ainda a manipulação de fontes, as quais não são precisas. Observa-se um tratamento pouco adequado, muito menos de historiador do que jornalista. Algumas dessas fontes “eram, em sua grande maioria, os próprios militares que lá estavam e que, escrevendo para as suas famílias, avaliavam bem a necessidade de manter informada a opinião pública e pediam que as mesmas fossem levadas até as redações” (CUNHA, 2011, p. 19). Euclides da Cunha frisa as condições narráveis e despreza o tempo na história, como o relatório do padre capuchinho que fez uma visita a Canudos<sup>6</sup>. Isso comprova a dificuldade de Euclides com a precisão dos fatos narráveis, devido ao ambiente hostil de conflito no meio do qual estava. Ainda que seu maior interesse fosse estético, tinha suas informações da reportagem complementadas por esses militares.

Dito isso, para que possamos compreender melhor a obra *Os Sertões*, será necessário explorar as seções em que o autor divide esse livro. Assim, cada parte dessa divisão é importante, a fim de observarmos como foi configurado o aspecto estético e como foram delineados alguns pontos que são vitais para a obra.

### 2.3 SOBRE A TERRA IMAGINÁRIA DE EUCLIDES

Euclides inicia sua descrição apresentando a terra, mostrando suas percepções de andar sob ela, seja a geografia, seja o clima:

De um lado a extrema secura dos ares, no estio, facilitando pela irradiação noturna a perda instantânea do calor absorvido pelas rochas expostas às soalheiras, impõe-lhes a alternativa de alturas e quedas termométricas repentinas [...]. De outro, as chuvas que fecham, de improviso, os ciclos adurentes das secas, precipitam estas reações demoradas (CUNHA, 2002, p. 88).

---

<sup>6</sup> O padre Frei João Evangelista é enviado pela Igreja Católica para fazer uma visita a Canudos, pois a mesma acreditava que um terço era mais útil que um fuzil para apaziguar a situação. Nisso, o padre elabora um relatório, que tinha a descrição do ambiente hostil e dos seguidores de Antônio Conselheiro, porém não relata informações dos desdobramentos do conflito.

A descrição detalhada da natureza vai corroborar com suas ideias e reflexões. O conteúdo científico não passa a ser o primordial em sua minúcia e, sim, a maneira como relata para o leitor essa posição de elementos do ambiente em um tom ameno, como defende Bernucci (1995, p. 107):

[...] através da linguagem estonteante e persuasiva de Euclides, a representação da natureza chega a ser tão perfeita e detalhada, a despeito de sua factibilidade, que o que passa a adquirir importância parece não ser propriamente o que se narra mas como se narra.

Como afirma Roberto Ventura (2000, p. 14), falando sobre Euclides, “o espaço geográfico se transforma [...] em palco de um ‘emocionante drama’ histórico”. Esse drama é vivenciado pelo sertanejo que vagueia por todo esse espaço social do sertão.

Euclides descreve o sertão com muito rigor científico e detalhes minuciosos. O narrador comenta que do alto desse Monte Santo tem-se uma visão ampla do relevo, designado de “misto”, devido às planícies, morros e tabuleiros apresentarem uma “acidentação caótica”. Apesar disso, não deixava de mostrar as riquezas que o sertão poderia proporcionar.

Muitos escritores corroboram o fato de que toda a descrição da terra na obra não passa de uma invenção humana sob a ótica de um jornalista que apenas tinha o desejo de escrever sobre a Guerra:

Pois eu garanto que os Sertões são um livro falso. A desgraça climática do Nordeste não se descreve. Carece ver o que ela é. É medonha. O livro de Euclides da Cunha é uma boniteza genial porém uma falsificação hedionda. Repugnante. Mas parece que nós brasileiros preferimos nos orgulhar duma literatura linda a largar da literatura duma vez para encetarmos nosso trabalho de homens (ANDRADE, 1976, p. 294-95).

Com isso, a obra perde o valor documental na exatidão de informações, porém ganha em criatividade. Desse modo, esses elementos, ainda que estilísticos, não prejudicam a história que é contada pela obra. O uso de adjetivações é presente na narrativa para auxiliar alguns dizeres cruciais na criação de um cenário:

E por mais inexperto que seja o observador — ao deixar as respectivas majestosas, que se desdobram ao Sul, trocando-as pelos cenários emocionantes daquela natureza torturada, tem a impressão persistente de calcar o fundo recém-sublevado de um mar extinto, tendo ainda estereotipada naquelas camadas rígidas a agitação das ondas e das voragens (CUNHA, 2002, p. 194).

Este trecho revela que a paisagem sertaneja é a configuração performativa de um ambiente desolador. Sua aparição revela o quão tenebroso se tornou aquele lugar, contado pelo

narrador euclidiano com elegância. Observamos um sertanejo naquele espaço de miséria, cuja ideia tem seu ápice na dolorosa expressão “mar extinto”, revelando a seca que esse indivíduo enfrenta. Tem-se aqui a imagem de um deserto refletida no sertão criado, literariamente, por Euclides. É nesse processo de experiência e invenção pelo sentido da literatura, que será forjada toda uma paisagem nacional. Apenas com o uso desses adjetivos é que ele conseguiria trazer uma ambientação adequada para sua narração, mesmo que elas não fossem verdadeiras.

#### 2.4 UM HOMEM FORJADO EM SEU MEIO

O homem é apresentado como processo resultante da miscigenação de três raças, resultando no sertanejo, o qual é comparado com a vegetação e o clima do local em que habita, devido a características como inconstância, rudeza e impetuosidade. Existe um enfoque maior na origem desse sertanejo que tem “uma capacidade de resistência prodigiosa e tem uma organização potente que impressiona” (CUNHA, 2003, p. 73).

Nesse contexto, o autor tenta conceituar o conflito que forma o povo brasileiro, apontando dois processos de mestiçagem: o litorâneo (representado pelo mulato) e o sertanejo (resultado da junção de índio com bandeirantes). Ele ainda explica sobre “o homem”, no qual revela a miscigenação como fator condicionante para se compreender o sertanejo, tido pelo autor como jagunço. Esses sertanejos eram baseados em suas teorias equivocadas do tempo, mostrando quais seriam suas possíveis características, costumes e sua forte religiosidade.

Desse modo, observa-se uma visão interior do país em face desse processo, ao passo que esse conflito representava a valorização da formação identitária. Sobre essa questão, Roberto Ventura (1991, p. 55) argumenta que:

Euclides negou a primazia evolutiva das populações litorâneas e inverteu a oposição entre litoral e sertão. Ao afirmar o caráter específico da miscigenação sertaneja, expandiu a idéia (sic) de nação e valorizou o país interior em vez do litoral, em contato com o exterior. Nos sertões se localizariam os contornos de uma cultura nacional, original quanto aos padrões metropolitanos de civilização.

Nessa perspectiva, o sertão surge como local em que a nacionalidade do sertanejo estava pura, longe da influência do litoral; mas, na verdade, esse sertão é formado pelo paulista, pelo sulista ou pelo mineiro, que buscaram refúgio social. Cabe frisar que o autor, mediante sua leitura do interior do Brasil, associa todos os tipos de problemas sociais aos moradores das capitais (as cidades do litoral). Em suas colocações, está sempre defendendo o sertanejo, como ele ressalta: “O sertanejo é, antes de tudo, um forte. Não tem o raquitismo exaustivo dos

mestiços neurastênicos do litoral” (CUNHA, 2002, p. 207). No entanto, esse mesmo autor menciona que o sertanejo também está sujeito aos infortúnios e adversidades que qualquer indivíduo pode atravessar, pois o mesmo está inserido em uma sociedade que pode conter o igual “raquitismo exaustivo”.

Inspirado nos pressupostos de Gumplowicz<sup>7</sup>, como também de Taine, Euclides compreendia que o meio físico era o elemento decisivo na formação do sertanejo. Sua linha teórica remetia ao final do século XVI e início do XVII, quando a expansão dos bandeirantes paulistas e dos jesuítas rumo ao norte do Brasil originou a miscigenação do elemento indígena com o português aventureiro. Já de início, a natureza teria exercido, através do Rio São Francisco, uma função primordial na formação daquele povo. De acordo com autor, abrindo-se aos exploradores como longas estradas, “levando os homens do Sul ao encontro dos homens do Norte, o grande rio erigia-se desde o princípio com a feição de um “unificador étnico”, longo traço de união entre as duas sociedades que se não conheciam” (CUNHA, 1952, p. 86). Isolados no sertão, inteiramente separados do resto do Brasil, viria a formar uma “raça de caribocas” perfeitamente adaptada àquele ambiente. O meio que os atraía e os acolhia, explica Euclides, foi aos poucos moldando o caráter do sertanejo e modificando os hábitos de acordo com as novas exigências daquele meio. Essa “raça forte” e de “caracteres bem definidos”, nas palavras de Euclides, provaria “inegavelmente um expressivo exemplo do quanto importam as reações do meio” (ANDRADE, 2024) na formação do homem. Apesar da aridez e da vida dura do agreste e do sertão baianos, da luta constante do homem com o meio, Euclides não deixaria de notar uma harmonia na convivência do sertanejo com a natureza. Essa harmonia, entretanto, se explicava pelo modo obstinado com que o jagunço, o tabaréu e o tapuia sertanejo se relacionavam com àquele ambiente, na medida em que, para Euclides, “viver é adaptar-se” (CUNHA, 2000, p. 93).

A visão de Euclides sobre o sertanejo nem sempre foi assim. A mudança de pensamento adveio de sua observação da Guerra, pois, muito antes de ele ser enviado para fazer a cobertura desses eventos históricos, já escrevia diversos artigos jornalísticos acusando o sertanejo de inimigo. Na visão dele, esse indivíduo deveria ser exterminado. Ele deixa documentado, em *Os Sertões*, que:

O jagunço não era afeito à luta regular. Fora até demasia de frase caracterizá-lo inimigo, termo extemporâneo, esquisito eufemismo suplantando o “bandido famigerado” da literatura marcial das ordens do dia. O sertanejo defendia o lar

---

<sup>7</sup> Defendia que a espécie humana seria formada por várias raças.

invadido, nada mais. [...] Os assaltantes eram, por via de regra, os assaltadores (CUNHA, 2002, p. 622).

Neste trecho, com o uso do termo “demasia de frase”, Euclides reconhece que estava equivocado ao falar sobre o sertanejo nos seus artigos e faz o uso do termo “esquisito eufemismo” para referir-se à forma como tratava o jagunço em tempos passados. Nesse sentido, o sertanejo vai sendo desenhado no romance euclidiano, paradoxalmente, como forte, pela sua coragem e espírito de enfrentamento, porém, ao mesmo tempo fraco, pelo seu caráter selvagem e errante, motivado pelo determinismo, que tomba diante dos obstáculos da natureza e não obtém êxito ante a civilização.

O processo de miscigenação abordado por Euclides abre caminho para uma análise sobre a formação da sociedade, e posteriormente o seu entendimento sobre o dilema racial em nosso país. Na visão dele, seríamos fruto das misturas entre os índios, os negros e os portugueses. Cada um carregava consigo traços peculiares e essa mistura resultaria na complexidade etnológica brasileira. Euclides procurou conceituar os índios como uma raça oriunda das Américas, pois estariam livre de qualquer influência externa de outros povos. Além disso, o negro carregaria para nossa nação os “[...] os atributos preponderantes do *homo afer*, filho das paragens adustas e bárbaras, onde a seleção natural, mais que em quaisquer outras, se faz pelo exercício intensivo da ferocidade e da força.” (CUNHA, 2019, p. 69). Por fim, os portugueses representariam a aristocracia presente em nossa formação. As raças apresentadas pelo autor seriam desprovidas de muitas qualidades, as quais levariam a um processo civilizatório inadequado.

## 2.5 AS DIVERSAS “LUTAS” DE EUCLIDES

Como foi comentado anteriormente, o autor de *Os Sertões* passou pouco tempo no campo de batalha e resolveu omitir alguns acontecimentos daquele cenário. Deu importância aos fatos narráveis e manipulou a presença de personagens que deram origem a diversos fatos.

Nesse sentido, podemos mencionar o adolescente sertanejo Agostinho, o qual não é visto de maneira clara e direta na obra, mas recebe uma breve menção em uma das reportagens. O jovem sertanejo revela que a única promessa do Conselheiro àqueles que morressem seria a salvação da alma. De acordo com Marco Antônio Villa (2002, p. 23), como aquele informante “minava suas bases, Euclides resolveu o dilema: simplesmente suprimiu o garoto Agostinho, que não mentia e nem sofismava, de *Os sertões*”.

Sob essa ótica, observamos uma personalidade. O autor abre mão do requisito da impessoalidade, usando seu teor criativo em seus próprios escritos sobre a Guerra e aqueles que estavam presentes nela. As quatro expedições realizadas em Canudos exibem uma visão humana mais parcial do autor, que é voltada para a fome e miséria daqueles revoltosos.

Podemos afirmar que a sua experiência na Guerra de Canudos, abordando os acontecimentos e procurando trazer os relatos, contribuiu para que sua visão de mundo sobre o sertanejo mudasse. Isso se alia ao fato de que Euclides, enquanto escritor de *O Estado de São Paulo*, conseguiu compreender que o sertanejo detinha o mesmo valor cultural dos que habitavam no litoral do Brasil.

Segundo Santana, Canudos é elevada ao patamar de símbolo universal da tragédia humana, ícone da modernidade em uma representação do fenômeno da globalização. Para a realização da Guerra de Canudos, o Brasil contou com a ajuda de organismos internacionais, apoio militar e jornalístico, “tudo amparado por paradigmas teóricos e interpretativos construídos na Europa” (SANTANA, 2004, p. 780).

É sabido que o conflito armado provocou inúmeros estragos, mas existia uma luta política que determinou os novos rumos na escrita dessa parte da obra. Euclides não deixou de fazer críticas ao novo governo, à imprensa e ao próprio exército de que era integrante. Como afirma Pedro Lima Vasconcelos (2002, p. 114), a revolta de Euclides da Cunha “torna sua obra-prima ainda maior, digna de celebração pelo fato de seu autor, ao fazer esse percurso, investir contra aquelas instâncias nas quais sempre confiou e aliar-se a gente em cuja causa não punha a menor confiança”. Desse modo, a “República” é vista como tema “central na obra de Euclides da Cunha, revelando uma preocupação que manteve ao longo da vida” (VENTURA, 1996, p. 275). Contudo, pelo fato de ele ter feito parte desse governo, releva um certo “desconforto” do autor, visto que agora precisaria apontar todos os problemas que encontrou:

Sua revisão da República resultou de uma longa e sofrida reelaboração, em que deixou transparecer certa dose de culpa ou remorso pelo silêncio cúmplice a que precisou se submeter. [...] Defrontou-se, no calor da hora, com a impossibilidade de erguer a voz ou de brandir a pena contra os desmandos de um regime político, em que desapareciam os contornos entre heróis e bandidos, entre civilização e barbárie. (VENTURA, 1996, p. 285)

Ademais, para Euclides, a população brasileira tinha uma “organização intelectual imperfeita”, ou seja, ainda não compreendia o que viria a ser uma República, ou não estava acostumada às normas que regiam esse novo governo: “Canudos teria sido o resultado da instabilidade dos primeiros anos de uma república decretada ‘de improviso’ e introduzida como

‘herança inesperada’” (VENTURA, 1996, p. 284). Essa transição de governo inesperada favoreceu o conflito armado naquela região. Portanto, toda essa situação afetou sua narração dos fatos por Euclides, que precisou exercer um jornalismo com tom de denúncia.

### 3. O SERTÃO VAI VIRAR MAR

A obra *O Sertão Vai Virar Mar*, de Moacyr Scliar, narra a história em uma pequena cidade localizada no sertão baiano, intitulada de “Sertãozinho de Baixo”. Neste livro, Moacyr Scliar apresenta uma releitura do livro *Os Sertões* de Euclides da Cunha, mas com uma forma didática de interpretar as razões, acontecimentos e as consequências da guerra. Essa interpretação é feita com uma linguagem mais acessível para o público juvenil.

Esta obra faz parte de uma coleção que procura reler os clássicos da Literatura. Scliar observou a necessidade de adaptação de uma história que mostrasse a identidade de um povo para a nossa contemporaneidade. Visualizou a dificuldade de o leitor atual assimilar os conceitos culturais de outras sociedades. Desse modo, essa releitura seria destinada ao público infantil porque começaria a ser trabalhada desde a infância. Segundo Scliar, “[a] infância é fundamental e sempre um bom começo para qualquer escritor contar sua história” (SCLIAR, 1985, p. 4). Nessa fase de crescimento, a criança desenvolve a lembrança e isso facilitaria a compreensão desses conceitos e da história. Sobre sua produção para esse público, Scliar mesmo declara: “Mas continuo pensando no jovem escritor que fui. E é por isso que gosto de escrever para gente jovem; a juventude é fase da vida em que um livro pode mudar a cabeça da gente. Livros fizeram a minha cabeça. Espero que os meus façam a cabeça de meus leitores” (SCLIAR, 2007, p. 112). Depreende-se que a forma como o autor fora criado, vivendo em contato com o mundo literário, fez com que surgisse o desejo de contribuir para a literatura infantojuvenil e querer transformar outros indivíduos através das suas criações literárias.

Apesar de essas duas obras terem sido criadas em contextos diferentes, a adaptação da história mantém a essência original de *Os Sertões*. Existe uma contextualização dessa obra na realidade dos personagens, especialmente no beato citado por Euclides da Cunha. Cabe frisar que existe uma ênfase maior em torno desse religioso, pois o título de obra de Scliar vem da famosa profecia de Antônio Conselheiro: “O sertão vai virar mar”. O que existe na verdade é a transferência de ideais de uma obra para outra. Isso é tão comprovado que o autor de *O Sertão Vai Virar Mar*, ainda não satisfeito com o final trágico da profecia, recria um beato semelhante ao de Euclides, chamado Jesuíno pregador, e insere um filho desse personagem religioso como parte de um grupo estudantil que estudará e discutirá *Os Sertões*.

Scliar usa os personagens como portadores de sua opinião, principalmente em debates que ocorrem no decorrer da história, ao mesmo tempo que cria um caos social em uma pequena cidade para o desencadeamento das ações. Scliar trabalha a releitura de Euclides para compreender não somente a Guerra, mas também todo o seu estopim

Os argumentos usados por Scliar através dos personagens em *O Sertão Vai Virar Mar* ratificam o posicionamento de diversos críticos mencionados anteriormente sobre a maneira que Euclides abordou os fatos em *Os Sertões*. No terceiro capítulo dessa obra juvenil, intitulado: “Tentando entender o sertão”, Gui vai com alguns amigos do colégio à casa do professor Armando, a fim de entender mais sobre aspectos relevantes sobre o trabalho de Euclides. O professor começa a fornecer informações gerais da obra, associando sua explicação com informações das notas preliminares de Euclides, especialmente quando ele argumenta que *Os Sertões* “foi escrito depois que Euclides retornou de Canudos (SCLIAR, 2003, p. 22). O professor afirma que os fatos foram muito bem apresentados; porém, em seguida, a personagem Cintia reforça sua decepção ao comentar que Euclides “acrescentou ao que viu, seus próprios comentários, suas próprias reflexões (SCLIAR, 2003, p. 23).

Ainda no terceiro capítulo de *O Sertão Vai Virar Mar*, notamos que os personagens Armando e Martinha possuem um cunho jornalístico e investigativo. Eles são responsáveis, juntamente com Gui, pela suscitação de debates sobre *Os Sertões*. A motivação de Euclides em promover a cobertura da campanha de Antônio Conselheiro é explicada por Armando, professor de história; porém, ele ressalta essa informação com um tom irônico, dizendo que “não esqueçam que era engenheiro<sup>8</sup> de formação, e que ciência, sobretudo naquela época, era sinônimo de progresso, o antídoto da crendice” (SCLIAR, 2003, p. 23). Quando o professor fornece essa informação, não só afirmava que o jornalismo e a engenharia civil eram profissões diferentes, mas pelo fato de a ciência estar em alta naquela época e por Euclides ser “um homem muito culto” (SCLIAR, 2003, p. 23) e escrever para o público porque tinha o interesse de manter-se com a ideia de progresso.

O autor de *Os Sertões* não poupou comentários negativos acerca de Antônio Maciel, o beato. Dizia que “a regressão ideativa que patenteou, caracterizando-lhe o temperamento vesânico, é, certo, um caso notável de degenerescência intelectual [...]” (CUNHA, 2002, p. 185). Na visão dele, o fato de Antônio começar a pregar o arrependimento e profetizar para o povo contribuiu para um retrocesso mental desse líder religioso. Isso é comprovado quando ele usa o termo “vesânico”, defendendo que estaria se comportando feito um louco, ou seja, suprimiu todas as possíveis qualidades que poderia ter. Já em *O sertão vai virar mar*, diz-se que Antônio já tinha trabalhado em fórum e “até latim ele sabia” (SCLIAR, 2003, p. 46). A troca de trabalho e o desejo em pregar arrependimento não seriam causas de encurtamento intelectual.

---

<sup>8</sup> “Profissão de engenheiro de obras, da Secretaria de Obras do Estado de São Paulo, onde trabalhava, na época, obrigado a constantes viagens pelo interior e litoral para construção ou fiscalização de obras públicas [...]” (CUNHA, 2002).

O grande problema em labutar no fórum é porque “Euclides não [tinha] grande consideração para com esse tipo de trabalho” (SCLIAR, 2003, p. 47) e “[...] não tem nenhuma dúvida: para ele, Antônio Conselheiro era maluco” (SCLIAR, 2003, p. 45). Logo, percebemos em *O sertão vai virar mar* uma crítica à visão de Euclides sobre o perfil de Antônio Maciel.

O cenário de conflito e miséria criado por Scliar em sua narração é muito semelhante ao de Euclides. Scliar insere elementos semelhantes aos encontrados nos relatos de *Os Sertões*. De início, observamos a criação de um “Sertãozinho” para colocar os personagens na narração. Sobre essa localidade, a razão da implicância era dupla: primeiro, o diminutivo, lembrando lugar pequeno; depois, e mais importante: de maneira geral, sertão alude a um lugar agreste, distante, de gente pobre e inculta” (SCLIAR, 2003, p. 9-10). Esse trecho contém clara ligação com o sertão baiano. Além disso, as descrições do povo em Scliar refletem marcas da população do Arraial de Canudos: “Voluntários da miséria e da dor, eram venturosos na medida das provações sofridas” (CUNHA, 2002, p. 222). O termo “venturosos” retrata um povo que mesmo em meio a pobreza não se preocupava em lutar por um lugar melhor, apenas fazia pequenos trabalhos ordenados por Antônio Conselheiro, os quais não o retiravam da pobreza. Os personagens em *O Sertão Vai Virar Mar*, ao se referirem aos habitantes do Sertãozinho, argumentam que naquela localidade a “pobreza sempre esteve mais associado à resignação [...]” (SCLIAR, 2003, p. 11), ou seja, a palavra “resignação” aborda a mesma ideia de Canudos. Encontramos aqui uma semelhança de termos usados em ambas as obras para explicar a condição de um povo.

Notamos também que os discursos proféticos dos beatos em ambas as obras foram tipificados, ou seja, destinavam-se a um propósito comum: o fim do mundo, especialmente na frase rotineira: “O sertão vai virar mar”. Porém, a releitura feita por Scliar trouxe o cumprimento dessa profecia. É sabido que Antônio Conselheiro pregava de forma indireta um sermão para que as pessoas se preparassem para esse evento apocalíptico e para “que os fiéis abandonassem todos os haveres, tudo quanto os maculasse com um leve traço de vaidade” (CUNHA, 2002, p. 202). Esse comportamento traria elementos espirituais que levariam o povo a uma possível santificação. Por outro lado, encontramos sobre Jesuíno Pregador, em Scliar, um discurso que também abordava questões escatológicas, a exemplo de frases como: “‘O fim está próximo’, ‘o pecado invade o mundo’, ‘arrependei-vos’” (SCLIAR, 2003, p. 82).

Scliar destaca que existiam dois Sertõeszinhos, a saber: o de Cima e de Baixo. Ele situa os personagens de sua narrativa no Sertãozinho de Baixo, com exceção de Zé, que era do Sertãozinho de Cima. O motivo da vinda de Zé para o Sertãozinho de Baixo é justificado no cumprimento da profecia de Antônio Conselheiro, quando mostra “que o Zé era da região de

Sertãozinho de Cima, aquela que fora inundada” (SCLIAR, 2003, p. 16) pela construção da represa. Esse acontecimento reforça a tese de que o discurso profético em Euclides foi aproveitado na íntegra na narração de Scliar. Além disso, o próprio Scliar aproxima ficção e realidade histórica: “a campanha de Canudos ocorreu a curto e poucos quilômetros de Sertãozinho de Baixo” (SCLIAR, 2003, p. 21).

Ademais, a temática religiosa não era o único assunto tratado nas explanações dos beatos, questões políticas eram difundidas em seus pronunciamentos. Vemos que “o Antônio Conselheiro era contra a República, proclamada poucos anos antes” (SCLIAR, 2003, p. 49) e “[...] fez uns atos de protestos políticos” (SCLIAR, 2003, p. 49). O governo vigente na época não aceitava toda a movimentação no Arraial de Canudos. É semelhante com a questão enfrentada por Jesuíno Pregador. A quantidade de pessoas que estavam chegando à localidade chamada Vila Buraco era grande, e o pai de Gui, sendo policial dessa localidade, revela que “o prefeito continua pressionando. Quer que eu bote o tal Jesuíno atrás das grades” (SCLIAR, 2003, p. 87). Dessa afirmação, concluímos que ambos os pregadores enfrentavam resistência das autoridades locais para que seus movimentos acabassem.

A abordagem religiosa tem uma maior relevância na obra de Scliar. O Jesuíno Pregador arrastava multidões e a devoção religiosa estava em alta, mas existiam algumas diferenças nos eventos espirituais realizados por Antônio Conselheiro em *Os Sertões*. Vemos na fala de um dos personagens em *O Sertão Vai Virar Mar* que os seguidores de Jesuíno estavam “[...] fazendo uma procissão pela cidade. Enorme procissão, com cruzeiros, imagens de santo e tudo” (SCLIAR, 2003, p. 56) e “A toda hora repetem que o fim está próximo [...]” (SCLIAR, 2003, p. 56). Notemos que não havia aí lugar fixo para celebrar suas missas, que por vezes eram feitas em um “enorme barracão de madeira, fracamente iluminado por umas poucas lâmpadas” (SCLIAR, 2003, p. 81). Muitas dessas procissões em Sertãozinho de Baixo não contavam seu líder. Os jornais diziam que “ele comandou a saída da procissão, no Buraco, mas ficou lá” (SCLIAR, 2003, p. 57). Devido a essa ausência de espaço fixo para se realizarem os ritos religiosos, os mesmos jornais afirmavam o interesse de Jesuíno em construir “[...] no Buraco, um grande templo” (SCLIAR, 2003, p. 77). Desse desejo é possível estabelecer uma ligação com Antônio Conselheiro, que chegou a realizar a construção de um templo no Arraial de Canudos.

Cabe pontuar dois detalhes na organização dessas missas. Primeiro, analisamos em Euclides que dentro do templo e a “capricho de Antônio Conselheiro, a multidão repartia-se, separados os sexos, em dois agrupamentos destacados” (CUNHA, 2002, p. 230), isto é, o povo era dividido em dois blocos por questões morais. Segundo, não podemos afirmar que essa

organização dos membros fosse apenas usada para uma mera acomodação na missa, pois, quando as solenidades acabavam, Antônio Conselheiro:

[...] erguia uma virgem santa, reeditando os mesmos atos; depois o Bom Jesus. E lá vinham, sucessivamente, todos os santos, e registros, e verônicas, e cruzeiros, vagarosamente, entregues à multidão sequiosa, passando, um a um, por todas as mãos, por todas as bocas e por todos os peitos. Ouviam-se os beijos chirriantes, inúmeros e, num crescendo, extinguindo-lhes a assonância surda, o vozear indistinto das prédicas balbuciadas à meia voz, [...] (CUNHA, 2002, p. 234)

De igual modo, Scliar descreve que Jesuíno Pregador pedia que se formassem as filas únicas e repetia esse mesmo ato que é registrado em Euclides: “As pessoas chegavam junto ao Pregador, ajoelhavam-se, beijavam o crucifixo, recebiam uma bênção do homem, depositavam uma contribuição no cesto de vime e saíam” (SCLIAR, 2003, p. 82). É interessante salientar que, diferentemente de *Os Sertões*, era necessário entregar-se uma oferta após se receber a bênção de Jesuíno. Scliar aproveita a linguagem e vocabulário usados por Euclides como elementos para sua releitura e faz questão de transformar a difícil narração desse escritor em uma linguagem clara e acessível.

Vejamos este trecho de Euclides:

Decorre isto de sua situação topográfica. A sublevação de rochas primitivas que se alteiam aos lados, para norte e para leste, levanta-se como anteparo aos ventos regulares, que até lá progridem e torna-se condensador admirável dos escassos vapores que ainda o impregnam (CUNHA, 2002, p. 229)

Nesta passagem, existe um grande ponto que chama atenção: a primeira descrição do local onde habitava o beato Antônio Conselheiro. Quando fazemos a leitura da adaptação de Scliar sobre esse local, encontramos: “No lugar chamado Buraco, uma enorme vila popular que tem mais de trinta anos, as casinhas até hoje são humildes, as condições de vida, muito duras. Em outras cidades, bairros assim são o reduto de traficantes, de criminosos. Não em Sertãozinho de Baixo (SCLIAR, 2003, p. 11). Quando o comparamos com Euclides, vemos que esse mecanismo adaptativo é indispensável para a releitura da obra, trazendo lucidez e clareza na descrição do ambiente. Enquanto em *Os Sertões* encontramos pormenores do Monte Santo ou Canudos e a sua localização geográfica, o jogo de ambientações descritos por Scliar é primeiro assimilado por seus personagens e depois situado para o leitor.

Já as denúncias sociais encontradas são idênticas, todas iniciadas a partir de um cunho político e a presença de um forte messianismo. A causa geradora começa em Euclides ao descrever Antônio Conselheiro com seus infortúnios no Ceará e depois seu apogeu no sertão

baiano. Com o advento da República, ocorreu uma maior visibilidade do seu discurso que misturava misticismo com viés político: “Pregava contra a República, é certo. O antagonismo era inevitável. Era um derivativo à exacerbação mística; uma variante forçada ao delírio religioso.” (CUNHA, 2002, p. 190). Essa visão será relativizada por Scliar em sua obra, como se vê no seguinte comentário de Martinha:

Euclides diz que o misticismo do sertanejo é extravagante. Mas isso, eu acho, é opinião dele. O que é extravagante para uma pessoa não é extravagante para outra. Eu acho comida chinesa extravagante, mas os chineses devem achar extravagante a nossa comida brasileira. Além disso, como ele mesmo diz, existe a questão da seca, da pobreza, da fome. (SCLIAR, 2003, p. 44)

Aqueles que fizessem a leitura das ideias de Antônio Conselheiro não necessariamente deveria concordar que existia uma extravagância no tom místico dos sertanejos, porque existiam outros fatores sociais que impediriam essa noção, a saber: injustiça social, desigualdade social e, principalmente o descaso do poder público para com o povo.

Em *O Sertão Vai Virar Mar*, as reportagens dos jornais afirmavam que uma “nova voz” é ecoada e todo o discurso presente em Euclides é transferido para Jesuíno pregador, a exemplo da seguinte passagem:

Quando prega, arrebatava multidões. As pessoas o escutam com uma comovente devoção. Não são poucos os que choram, não são poucos os que se prostram no chão. E o que prega Jesuíno? Como outros pregadores desse tipo, anuncia que o fim está próximo. Mas não se limita a previsões apocalípticas: diz que as pessoas devem se ajudar umas às outras [...] (SCLIAR, 2003, p. 76)

Observamos que Jesuíno “criou uma pequena escola, uma creche, um ateliê onde trabalhavam várias bordadeiras e um ambulatório [...]” (SCLIAR, 2003, p. 76). Contudo, o jornal da localidade relata que “A miséria do Buraco continua a mesma [...]” (SCLIAR, 2003, p. 76). Como os seguidores de Jesuíno Pregador vindo de outros municípios não parava de crescer, não havia mantimento para aquela quantidade de indivíduos, a ponto de ocorrerem saques em algumas lojas na pequena cidade. Esse fato já comprova que o religioso da Vila Buraco, apesar de realizar bons feitos, não conseguia orientar o comportamento dos seus seguidores. Existiam alguns relatos afirmando que os indivíduos se dirigiam pacificamente aos supermercados e diziam ser “crentes dedicados a divulgar a palavra divina e, alegando (sic) faltas de recursos, solicitaram alimentos, com a promessa de pagar posteriormente” (SCLIAR, 2003, p. 72). Quando o gerente negava, dava-se início às discussões e depois aos saques:

Como se sabe, no caso de Antônio Conselheiro, o que desencadeou um conflito foi a madeira que ele comprou e não recebeu; ameaçou então invadir o Juazeiro. É possível que o ataque ao supermercado seja o equivalente dessa ameaça? [...] Se for assim, a cidade pode se preparar para um conflito de grandes proporções. (SCLIAR, 2003, p. 77)

Essa resposta projeta na mente do leitor que o conflito seria idêntico a Canudos. Após isso, um possível desfecho é transferido para a decisão do prefeito, para acabar o conflito ou aumentar os “ânimos”.

Na obra *Os Sertões*, observamos que não eram tão frequentes os roubos em Belo Monte, devido ao próprio Antônio Conselheiro impor uma conduta moral relativa aos habitantes:

A fartura no Belo Monte era grande. Os sertanejos iam chegando com dinheiro da venda de seus bens e entregavam ao Conselheiro, guardando apenas a quantia que ele estipulava. O povo, sob orientação do beato, plantava feijão, milho, mandioca, nas margens do Vaza-Barris. (...) O beato distribuía o dinheiro e a comida com doentes, órfãos e aqueles que não tinham nada (...) O povo colhia de tudo, criava cabra e carneiro e ainda tirava madeira. Tinha gente que criava gado e outros curtiam couro (ARRUDA, 1995. p. 78).

Portanto, a forma de Jesuíno Pregador instruir o povo e ministrar sermões é fruto da releitura feita por Sciliar, visto que encontramos o relato de Zé, filho de Jesuíno, comentando que, quando morava no Sertãozinho de Cima, seu pai “[...] lia muito. No começo, literatura em geral, depois coisas religiosas, místicas. Profecias, como as de Antônio Conselheiro. Cujas vidas conhecia a fundo.” (SCLIAR, 2003, p. 98). A informação de que existiam muitos livros no lar de Jesuíno é uma referência de vida do próprio Sciliar, posto que fora criado com o incentivo à leitura. A caminhada do beato em *O Sertão Vai Virar Mar* foi originada desse estudo profundo sobre a vida do religioso em *Os Sertões*, por isso, existe tanta semelhança com os fatos acontecidos em Euclides.

A geografia vista em Euclides é abordada de forma passageira na obra *O Sertão Vai Virar Mar*, mas observamos também Sciliar inserir considerações sobre como o sertanejo poderia ser visto nessa abordagem. Sciliar usa o espaço de fala do personagem Gui, afirmando que “O que me fascinava em Euclides era a maneira como ele correlacionava a geografia com a história, o lugar em que as pessoas viviam com o modo de vida que levavam nesse lugar” (SCLIAR, 2003, p. 28). Não podemos esquecer que os relatos em *Os Sertões* abordavam outras áreas de estudos, e o próprio Sciliar explica o significado por trás de cada consideração, a fim de trazer clareza para o público infantil.

Sciliar aproveita esses estudos e explica alguns trechos de difíceis compreensão com uma linguagem clara e facilitada:

[...] o martírio da terra, brutalmente golpeada pelos elementos variáveis, distribuídos por todas as modalidades climáticas. De um lado, a extrema secura dos ares, no estio, facilitando pela irradiação noturna a perda instantânea do calor absolvido pelas rochas expostas às soalheiras [ao brilho e calor mais intenso do sol], impõe-lhes a alternativa de alturas quedas termométricas repentinas; e daí um jogar de dilatações e contrações que as disjunje [separa], abrindo-as segundo plano de menor resistência. De outros, as chuvas que fecham, de improviso, os ciclos adurentes [abrasadores] das secas, precipitam estas reações demolidoras” (CUNHA *apud* SCLIAR, 2003, p. 29)

A descrição do sertão é acompanhada de inúmeras explicações. Nessa citação, é possível identificar que Scliar coloca o significado de algumas palavras e frases entre colchetes. Ele poupa seus leitores de pesquisar os possíveis significados e não deixa a leitura cansativa, pois sabia do desafio que seria fazer uma releitura desse clássico da Literatura para crianças e adolescentes. Pensando nesse viés, grande parte de *O Sertão Vai Virar Mar* é composto por muitos desses trechos que são interpretados pelo seu autor.

Depois de serem abordados o clima e seu processo relacionado ao solo, a caatinga é apresentada como tema de análise, visto que “atravessar a caatinga do sertão, garante Euclides, é ainda mais difícil do que atravessar o deserto ou uma estepe” (SCLIAR, 2003, p. 29). Scliar insere um trecho de *Os Sertões* falando de caatinga para adiante explicar seu significado, como vemos na exemplificação de um sertanejo que desejava desbravar essa caatinga e é comparado com um viajante que tem “[...] o desafogo de um horizonte largo e as perspectivas das planuras francas. Ao passo que a caatinga o afoga; abrevia-lhe o olhar; agride-o e o estonteia-o; enlaça-o na trama espinescente [com espinhos] e não o atrai [...]” (CUNHA *apud* SCLIAR, 2003). Em seguida, vislumbramos na fala de Gui, a confirmação da existência desse tipo de flora próxima a Sertãozinho de Baixo: “[...] conhecia a caatinga; ela começava a alguns quilômetros de nossa cidade” (SCLIAR, 2003, p. 30) e “[...] ficava impressionado olhando aqueles arbustos com espinhos, aquelas árvores subdesenvolvidas” (SCLIAR, 2003, p. 30). A caatinga em ambas as obras alude à “acidentação caótica” que foi prevista inicialmente em Euclides. Desse modo, também existe na visão de Scliar um conceito dessa “acidentação”, ou seja, o sertão seria marcado por diversas ambientações com morros, encostas, planícies e planaltos.

A criação da Vila Buraco feita por Scliar foi pensada nas características originais de Canudos, isso porque esse pequeno bairro era cercado de encostas e morros e “Canudos tinha uma localização estratégica: o lugar era cercado de serras e morros, Cambaio, Cocorobó, Angico e outros [...]” (SCLIAR, 2003, p. 54). Notemos que existe muita semelhança entre os lugares em que aconteceu todo o desenvolvimento dos fatos, e isso comprova Scliar fez uma releitura de um cenário adequado para sua história.

Dentro dessa “acidentação caótica”, surge um “martírio secular” (CUNHA *apud* SCLIAR, 2003) que seria originado da própria terra, causado pelos diversos anos de embate com a República, afetando negativamente as pessoas. Para entendermos essa problemática levantada por Euclides e revista por Scliar, faz-se necessário compreender quem seria o brasileiro do sertão baiano. É obrigatório ter em mente que “o Sertão foi o ponto de encontro de vários grupos: o dos paulistas que vinham do sul, seguindo o rio São Francisco, e dos ‘baianos’ que vinham do norte. Dessa ‘mistura’ provém o sertanejo” (SCLIAR, 2003, p. 31), mas “O próprio Euclides diz que a mistura de raças muito diferentes é prejudicial, que a mestiçagem é um retrocesso” (SCLIAR, 2003, p. 24). Alguns poucos sertanejos viviam da agricultura, porém a grande maioria criava gados “[...] não para suas famílias, mas para os donos das fazendas, que moram longe[...].” (SCLIAR, 2003, p. 31), como as dificuldades eram grandes e existia um forte “[...] problema agrário no país [...]” (SCLIAR, 2003, p. 31). O “martírio secular” ou também chamado de “martírio da terra” é ocasionado por essa indisponibilidade de terra para trabalho: “O sertanejo resiste o quanto pode, cavando a terra em busca de água, tenta buscar nas folhas e raízes das plantas um pouco de líquido. A seca continua, inclemente. Não há outro jeito, senão ir embora. Como outros” (CUNHA *apud* SCLIAR, 2003).

Em contrapartida, mesmo atravessando essa dificuldade, a perseverança e adaptabilidade as mudanças do sertanejo é explanada por Euclides com uma linguagem conotativa e apresentada por Scliar em sentido denotativo. Em *Os Sertões* vemos no sentido conotativo que esse sertanejo tem o “[...] aspecto dominador de um titã acobreado e potente, num desdobramento surpreendente de força e agilidade extraordinárias” (CUNHA *apud* SCLIAR, 2003). O termo “titã” está ligado à mudança repentina do homem diante das dificuldades e o seu nome está ligado a “[...] um gigante da mitologia grega, um ser muito grande e muito poderoso.” (SCLIAR, 2003, p. 25). Em suma, seria um indivíduo de fácil modificação no ambiente em que estivesse inserido, “ou seja, o sertanejo aparenta uma coisa, mas é outra [...]” (SCLIAR, 2003, p. 25). Encontramos um elogio de Euclides para o sertanejo em linguagem também conotativa. A passagem usada para análise e explicação em *Os Sertões* afirma que o sertanejo “é desgracioso, desengonçado, torto. Hércules-Quasímodo reflete no aspecto a fealdade típica dos fracos” (CUNHA, 2002, p. 146). *O Sertão Vai Virar Mar*, Scliar faz questão de frisar a expressão “Hércules-Quasímodo” encontrada em Euclides para dizer que “Hércules era aquele herói (sic) da mitologia grega, fortíssimo, corajoso. Já Quasímodo é um personagem feio e disforme [...]” (SCLIAR, 2003, p. 23), após isso, menciona ainda que “[...] o sertanejo é a combinação dessas duas figuras.” (SCLIAR, 2003, p. 23).

É a partir da continuidade da Guerra que Scliar começou a dar ênfase na forma como muitos sertanejos estavam morrendo e no cenário de destruição que estava sendo formado no Arraial de Canudos. Partindo da análise desses pontos, será possível perceber que Scliar mostra ao leitor que o evento histórico em Euclides foi muito grave:

Aquilo era uma armadilha singularmente caprichosa. Quem percorresse mais tarde as encostas da Favela, avaliava-a. Estavam minadas. A cada passo uma cava circular e rasa, protegida de tosco espaldão de pedras, demarcava uma trincheira. Eram inúmeras; e volvendo todas para a estrada os planos de fogo quase à flor da terra, indicavam-se adrede dispostas para um cruzamento sobre aquela. (CUNHA, 2002, p. 409)

As trincheiras estavam por toda parte e causava temor nos batalhões. Esse trecho usa o termo “planos de fogo”, afirmando que era constante o uso de armamentos explosivos nessas trincheiras. A eficiência dessa tática de guerra é realçada em Scliar, ratificando que “dali eles atacaram à noite, e de novo pela manhã, matando dezenas de soldados e a metade dos oficiais.” (SCLIAR, 2003, p. 92). E até “Outras brigadas vieram atacar os sertanejos e foram igualmente liquidadas. Parte da tropa estava cercada, como que prisioneira.” (SCLIAR, 2003, p. 92). Contudo, mesmo diante desse passageiro sucesso no conflito, Scliar destaca uma passagem em Euclides: “o sertanejo defendia o lar invadido, nada mais.” (CUNHA *apud* SCLIAR, 2003), ou seja, eles não tinham o interesse de dizimar os batalhões e depois tomar o comando do governo local.

Seguindo esse igual raciocínio, o rastro de destruição deixado no Arraial de Canudos é apontado como segundo ponto que merece destaque.

Por fim, o Jesuíno Pregador aceita os tratamentos psiquiátricos, promovendo um rumo diferente do de Antônio Conselheiro. Alguns moradores da Vila Buraco sentiam-se traídos por Jesuíno, tentaram promover “[...] um quebra-quebra na cidade.” (SCLIAR, 2003, p. 103), mas tudo foi resolvido, tendo em vista que “pelo menos esta história terminou bem.” (SCLIAR, 2003, p. 103).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar a obra *O Sertão Vai Virar Mar* é compreender que Moacyr Scliar não tinha o objetivo de apenas fazer uma releitura de *Os Sertões*, mas também preservar a memória do Arraial de Canudos. Ele argumenta: “[...] temos de reconhecer que Canudos preenchia uma necessidade na vida dos sertanejos pobres, desamparados. Não era só uma questão de religião.” (SCLIAR, 2003, p. 105). Desse modo, durante a leitura em Scliar, observamos o uso da intertextualidade e da originalidade, elementos necessários para a construção da obra. A intertextualidade é usada ao fazer uso de diversos trechos encontrados em Euclides para em seguida explicar seus sentidos. Mas não podemos nos esquecer da originalidade, que é apresentada na criação de um novo cenário, novo beato e personagens que fazem o papel jornalístico de Euclides.

Como resultado desse trabalho, podemos afirmar que Scliar, sabendo da dificuldade em se entender a obra *Os Sertões*, resolveu fazer a releitura desse clássico da Literatura com uma linguagem voltada para o público infantil. Nesse sentido, além da linguagem rebuscada que encontramos em Euclides, as dificuldades encontradas por Scliar fazem referência ao uso de correntes científicas em Euclides, adepto do determinismo, ou seja, muitas análises em *Os Sertões* eram uma tentativa de adaptação dos fatos à estética da obra. Podemos afirmar ainda que, devido ao ambiente hostil do conflito, esse autor tinha dificuldade em trazer precisão aos fatos narráveis (muitos militares completavam suas reportagens). Sob esse viés, as descrições geográficas em Euclides perderam valor documental devido a Euclides ter abandonado a exatidão de informações.

Euclides ainda explica que a formação do povo brasileiro estava associada aos processos de mestiçagem do litorâneo e do sertanejo. Sugere ainda o sertão como um local puro, longe das influências da região litorânea, porém essa localidade não pode ser considerada pura, pois é a junção de diversos moradores de outros estados do Brasil. Concluímos também que esse sertanejo é apresentado como forte e de igual modo contém um caráter selvagem. Observamos durante a descrição da Guerra uma visão humana mais parcial de Euclides, ligada à fome e miséria do sertanejo. Porém, olhando para os acontecimentos do conflito, sua visão de mundo foi mudada, pois ele entendeu que o sertanejo detinha valor cultural.

A partir da releitura feita por Scliar, verificamos que ele usa a intertextualidade para construir a sua narrativa. As doses de originalidade antes comentadas neste presente trabalho aplicam-se a essa construção. Desse modo, o enredo em *O Sertão Vai Virar Mar* assegura esse processo, pois reforça que “o gênio não é original”. A inovação da narrativa trazida por Scliar

mostra que o autor cria personagens com base na aproximação do mundo literário da sua infância e os usa no momento de fala para desenvolver argumentos sobre *Os Sertões*.

Em suma, Scliar buscou fazer uma aproximação da história com a sua ficção quando afirmava que “Sertãozinho de Baixo” ficava próximo ao lugar do conflito. A localização é primeiro assimilada pelos personagens e depois entregue ao leitor. Nessa localidade fictícia foi inserido um beato semelhante a Antônio Conselheiro e um povo que o seguia. Scliar faz um enfoque maior na religiosidade. A aproximação entre os dois beatos é usada para mostrar as diferenças da história e ficção, mas sempre com o objetivo de explicar a Guerra de forma clara e objetiva para o público infantil. Não podemos esquecer que em meio a essas semelhanças e diferenças, a crítica em Scliar sobre o perfil do beato visto em Euclides é presente, ao passo que utiliza adjetivações para trazer maior lucidez nas características da geografia, do homem e da luta de *Os Sertões*. Dessa lucidez, o sentido denotativo é usado por Scliar para explicar o sertanejo com um outro olhar, pois mostra esse sertanejo apenas como defensor do seu lar, ou seja, lutava apenas pela sobrevivência.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Juan C. P. de (org.). EUCLIDESITE: vida e obra de Euclides da Cunha. São Paulo. Disponível em <https://euclidesite.com.br/>. Acesso em 21 fev. 2024.
- ANDRADE, Mário de. *O Turista Aprendiz*, Introdução e notas Telê Porto Ancona Lopez. São Paulo, Duas Cidades, 1976.
- ARRUDA, João. *Canudos Falas e olhares*. Fortaleza: UFC, 1995.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 1995.
- BERNUCCI, Leopoldo. *Pressupostos historiográficos para uma leitura de Os sertões*. Revista USP, São Paulo, n. 54, p. 6-15, jun./ago. 2002.
- BERNUCCI, Leopoldo. *A imitação dos sentidos*. São Paulo: Edusp, 1995.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira (momentos decisivos)*. 5. ed. Belo Horizonte, Itatiaia, São Paulo/EDUSP, Vol. 1, 1975.
- CARVALHAL, Tania Franco. *Literatura comparada*. São Paulo, Ática, 1986. Série Princípios.
- CUNHA, Euclides da. *Canudos: Diário de uma expedição*. São Paulo: Martin Claret, 2003.
- CUNHA, Euclides da. *Os Sertões – O homem*. Livro – Reportagem em revista, 2019. Disponível em <https://livro-reportagem.com.br/os-sertoos-o-homem/>. Acesso em: 11 nov. 2023.
- CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*, São Paulo: Editora Martin Claret, 2002.
- CUNHA, Euclides da. *Os Sertões: campanha de Canudos*. Edição, prefácio, cronologia, notas e índices Leopoldo M. Bernucci. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.
- CUNHA, Euclides. *Os Sertões*, Livros do Brasil, Lisboa, 2000.
- CUNHA, Euclides. *Os Sertões*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 22 ed., 1952.
- DELORY, Momberger Christine. *A pesquisa biográfica: projeto epistemológico e perspectivas metodológicas*. Salvador, EDUNEB, 2012.
- FARIA, Gentil Gomes de. Tobias Barreto e a literatura comparada. *Anais do II Congresso ABRALIC*. Belo Horizonte, UFMG, v. 1, 1991.
- GALVÃO, Walnice. Os Sertões para estrangeiros. In: GALVÃO, Walnice. *Gatos de outro saco*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- GALVÃO, Walnice. Os sertões: uma análise literária. In: GALVÃO, Walnice. *Canudos: as falas e os olhares*. Fortaleza: EUFC, 1993.

KRISTEVA, Julia. *Introdução à semánalise*. Trad. Lúcia Helena França Ferraz. 3. ed. revista e aumentada. São Paulo: Perspectiva, 2012.

MEDVIÉDEV, Pável Nikoláievitch. *O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica*. Tradução Ekaterina Vólkova Américo e Sheila Vieira de Camargo Grillo. São Paulo: Contexto, 2012.

NITRINI, Sandra. *Literatura Comparada*. 3. ed. São Paulo/EDUSP, Vol. 16, 2010.

OLIVEIRA, Franklin de. *A espada e a letra*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

RABELLO, Sylvio. *Euclides da Cunha*. Rio de Janeiro/ Brasília: Civilização Brasileira/Instituto Nacional do Livro, 1983.

SANTANA, José C. Barreto de. *A construção do discurso científico de Euclides da Cunha: análise da Geologia em Os sertões*. São Paulo: Geração, 2002.

SANTANA, José Carlos Barreto de. Aspectos históricos, sociológicos, artísticos e literários de Os sertões. História. Ciência. Saúde. Mangueiras, vol.11, n.3, p. 777-784, 2004. Disponível em <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/fcW5Nvxp43wDzS8pPwt93kQ/?lang=pt> . Acesso em: 15 nov. 2023.

SCLIAR, Moacyr. *A condição judaica: das tábuas da lei à mesa da cozinha*. Porto Alegre, 1985.

SCLIAR, Moacyr. *A Palavra mágica*. São Paulo: Moderna, 2007.

SCLIAR, Moacyr. *O Sertão Vai Virar Mar*. 1. ed. São Paulo: Ática, 2003.

SÉRGIO, Ricardo. *O diálogo entre os textos*. Recanto das Letras, 2004. Disponível em <https://www.recantodasletras.com.br/teorialiteraria/256597>. Acesso em: 30 out. 2023.

VENTURA, Roberto. *Estilo tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

VENTURA, Roberto. *Euclides da Cunha e a República*. Revista Estudos Avançado, São Paulo, v. 10, n. 26, 1996.

VENTURA, Roberto. Redescoberta do Brasil: Euclides da Cunha no vale da morte. *Cult*, São Paulo, 2000.

VILLA, Marco Antonio. *O 'Diário de uma expedição' e a construção de Os sertões*. NASCIMENTO, José Leonardo do (Org.). *Os sertões de Euclides da Cunha: releituras e diálogos*. São Paulo: UNESP, 2002.